

Variantes linguísticas para cangalha no falar paranaense: um estudo diacrônico, diatópico e diassexual

Linguistic variants of cangalha in the Paraná dialect: a diachronic, diatopic and diasexual study

André Costa Santos^{*ID}

Vanderci de Andrade Aguilera^{**ID}

RESUMO: Este trabalho, fundamentado nos princípios da Geolinguística Tradicional (Coseriu, 1991), da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]; Silva-Corvalán, 1989; Moreno Fernández, 1998) e da Geolinguística Pluridimensional (Thun, 2000), tem como objetivo: i) descrever as variantes lexicais para cangalha - objeto que se põe no pescoço de animais de criação para não atravessar a cerca, coletadas em fontes geolinguísticas paranaenses e ii) analisar a manutenção, expansão ou apagamento dessas formas nas perspectivas diacrônica, diatópica, diageracional e diassexual. Para tal, procedeu-se a um estudo comparativo entre os registros documentados, a partir da Questão 123, na Carta 61 do Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (Aguilera, 1994) e os dados inéditos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB-PR, Questão 54. Dada a constante mobilidade do campo para a cidade e a configuração do novo contexto vivenciado pelos informantes do ALiB-PR, os dados revelaram um número considerável de não-respostas e a baixa manutenção de antigas denominações específicas, como cangalha e canga na fala urbana.

PALAVRAS-CHAVE: Paraná. Variação lexical. Cangalha.

ABSTRACT: This paper, which is based on the principles of Traditional Geolinguistics (Coseriu, 1991), Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]; Silva-Corvalán, 1989; Moreno Fernández 1998) and Geolinguística Pluridimensional (Thun, 2000), aims to: i) describe the lexical variants for cangalha - object that is placed on the neck of farmed animals to avoid crossing the fence, collected in geolinguistic sources from Paraná and ii) analyze the maintenance, expansion or erasure of these forms from diachronic, diatopic, diagerational and diasexual perspectives. To this end, a comparative study was conducted between the documented records, from Question 123, in Letter 61 of the Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (Aguilera, 1994) and the unpublished data from the Atlas Linguístico do Brasil Project – ALiB-PR, Question 54. Given the constant mobility from the countryside to the city and the configuration of the new context experienced by the ALiB-PR informants, the data revealed a

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (PPGEL/UEL). andre.costas@hotmail.com.

** Professora Sênior do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (PPGEL/UEL). vanderci@uel.br.

considerable number of non-responses and limited maintenance of old specific denominations, such as *cangalha* and *canga* in urban speech.

KEYWORDS: Paraná. Lexical variation. *Cangalha*.

1. Introdução

A língua é um sistema dinâmico em constante variação, mudança e adequação para servir à comunidade de falantes a que pertence. A cultura de um povo se consolida por meio dos costumes, do folclore, das tradições e do seu idioma. Até mesmo uma pessoa não especializada em linguística percebe que o português falado em Portugal é diferente do falado aqui no Brasil, que o dialeto baiano difere do paranaense, que os jovens têm formas de expressão distintas daquelas das pessoas mais idosas. Assim, o mesmo referente, ou seja, o mesmo objeto ao receber nomes diferentes de acordo com a região do país e conforme uma série de fatores, como a idade do falante, a procedência, o sexo, o grau de letramento, a profissão, entre outros, pode indicar variação diacrônica, diatópica, diasssexual ou diastrática.

Dessa forma, a variação lexical revela importantes aspectos das dinâmicas sociolinguísticas e culturais de um povo e, nesse aspecto, as diferentes denominações para o mesmo referente – como *cangalha*, *canga*, *forquilha* e *cuaiera* – ilustram como o léxico pode variar em função de fatores geográficos, históricos e sociais.

Sob o viés da variação, partimos da hipótese de que as variantes lexicais relacionadas ao vocabulário agropastoril tendem a apresentar um processo de apagamento mais acentuado em contextos urbanos, devido ao afastamento de seus informantes das práticas agrícolas. Esse fenômeno é de interesse tanto para dialetólogos, que investigam a distribuição geográfica das variantes conservadoras ou inovadoras, quanto para sociolinguistas, que analisam sua correlação com fatores sociais.

Nessa perspectiva, pretendemos registrar a pluralidade lexical para *cangalha* no contexto rural, dado o seu conservadorismo e a sua tradição, e no contexto urbano, tido como mais dinâmico e inovador. Para tanto, elaboramos cartas lexicais para

retratar como essas ocorrências linguísticas se realizam e como impactam o falar cotidiano.

Este artigo tem, pois, como proposta descrever as variantes lexicais para cangalha na fala paranaense e avaliar o peso das variáveis tempo, espaço e sexo sobre os dados obtidos da Questão 123, registrados na carta 61 do Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (Aguilera, 1994) e no corpus inédito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB-PR (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001), referentes às respostas dadas à Questão 54, para cuja análise acrescentamos a variável idade. Ambas as fontes permitirão também averiguar a manutenção, alteração, apagamento ou expansão das variantes para cangalha, tendo como embasamento os postulados teóricos da Dialetoлогия Bidimensional e Pluridimensional (Thun, 2000).

Além dos aspectos inerentes ao estudo da língua, este artigo visa promover a valorização social e cultural da sociedade brasileira. Partindo da premissa de que as palavras mudam de acordo com vários fatores, como o tempo, o lugar e o sexo, este estudo contribui significativamente para a preservação da diversidade linguística brasileira e, especialmente, paranaense. Ao mapear esses falares diferentes, esta pesquisa busca expor a identidade e a cultura do Paraná não apenas por meio da variação lexical, mas também por meio de sua cultura, de suas tradições e de seus costumes, revelando a riqueza desse acervo cultural. Desse modo, o respeito por essas formas de manifestação auxilia na preservação do patrimônio social e lexical, combatendo assim muitos preconceitos e, sobremaneira, o linguístico.

Dessa forma, este trabalho compreende cinco subseções, além da Introdução. Na primeira, apresentamos o referencial teórico que sustenta os estudos dialetológicos e geolinguísticos (tradicionais e pluridimensionais) aplicados em nossa análise; na segunda descrevemos os procedimentos metodológicos adotados; na terceira, discutimos a carta 61 do Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (Aguilera, 1994) quanto às variáveis diatópica e diasssexual; na quarta, trazemos à discussão os dados inéditos recolhidos mediante a Questão 54, para o ALiB-PR documentados em cartas

experimentais elaboradas *ad-hoc*, considerando as variáveis local de origem, sexo e faixa etária; na quinta, comparamos os resultados do ALPR com os do ALiB-PR, com base nos fatores diacrônico (ALPR, de 1987 a 1990 X ALiB-PR, de 2000 a 2003) e diatópico (rural x urbano). Concluímos com as considerações finais e as referências.

2. Referencial teórico

Os pressupostos teóricos deste trabalho fundamentam-se em estudos realizados em áreas afins como a Dialectologia, a Sociolinguística e a Dialectologia Pluridimensional. Com o intuito de comprovar a diversidade linguística em suas várias facetas, buscamos as contribuições desses ramos da Linguística, que se dedicam aos estudos empíricos da língua em uso, em dada localidade, por informantes estratificados segundo variáveis sociais.

A Dialectologia é uma disciplina da Linguística que estuda os dialetos, entendidos como um conjunto de características fonético-fonológicas, morfossintáticas ou lexicais em certa comunidade linguística, devido a fatores culturais, regionais ou sociais, revelando a heterogeneidade da língua que se reflete na consolidação de um idioma.

Para Trudgill e Campoy (2007), a Dialectologia:

é o estudo acadêmico dos dialetos, frequentemente associado com o estudo fonológico, morfológico e lexical dos dialetos tradicionais rurais, que constituíram o principal objeto da disciplina, e a distribuição espacial ou geográfica diatópica de formas dialetais tradicionais (Trudgill; Campoy, 2007, p. 100).

Os estudos dialetológicos, historicamente, pautaram-se em três métodos: o monográfico, o lexicográfico e o cartográfico. Este último teve um extraordinário desenvolvimento durante o século XX, sobretudo nos estudos românicos e pressupõe o registro em mapas especiais com um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, léxicas ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária em uma rede de pontos de determinado território (Coseriu, 1991, p. 103).

O avanço das pesquisas linguísticas reconheceu que o escopo da Dialetoologia não poderia se limitar apenas à descrição diatópica, restrita aos falares rurais, uma vez que o homem, atualmente, está inserido em um contexto mais dinâmico e mais urbanizado, com o qual estabelece múltiplas relações sociais.

Nessa perspectiva, foi necessário agregar aos estudos dialetológicos os princípios da Sociolinguística Variacionista iniciada por Labov e outros estudiosos, na década de 1960, que definiram, como objeto de estudo, a língua em uso na sua vertente falada, permeada por aspectos socioculturais que, direta ou indiretamente, refletem no modo de falar das pessoas de certa comunidade.

Para Labov (2008 [1972], p. 22), a língua precisa ser estudada na sua essência, diversidade e realidade, pois ela não é homogênea, estável e imutável. Portanto, o estudo da variação e mudança está pautado em fatores determinantes na consolidação da pluralidade linguística, consubstanciada na sua heterogeneidade, intrínseca ao fenômeno em apreço.

Os sociolinguistas advertem, porém, que os fatores sociais não exercem a mesma influência em todas as comunidades. Assim, o nível social, a situação econômica, a idade e o sexo podem ter pesos diferentes, de modo que, em uma localidade, prevaleça a *variável idade* e noutra a *variável sexo*, por exemplo. Para Moreno Fernández (1998, p. 34):

Geralmente, os fatores sociais que mostram uma maior capacidade de influência sobre a variação linguística são o sexo, a idade, o nível de instrução, o nível sociocultural e a etnia, entre outros que também hão de interessar.¹

¹ Generalmente, los factores sociales que muestran una mayor capacidad de influencia sobre la variación lingüística son el sexo, la edad, el nivel de instrucción, el nivel sociocultural y la etnia, entre otros que también han de interesar.

Além de Moreno Fernández, estudos anteriores realizados por Labov (2008 [1972]), Silva-Corvalán (1989) e Chambers (1995) comprovaram que homem e mulher, em dado contexto, falam de modo diferente.

Moreno Fernández descreve o grau de influência dessas *variáveis sociais* dentro de uma comunidade linguística e ressalta o maior peso de uma em relação a outra, de acordo com o contexto. Isso demonstra, em certa medida, que a heterogeneidade de uma língua tem como causa fatores de ordem linguística: a classe gramatical da lexia, a natureza do fonema, a tonicidade da vogal em análise, entre outras; e extralinguística: idade, a região, o sexo. Esses fatores têm um papel muito importante para a Sociolinguística e para a Dialetoлогия Bidimensional e Pluridimensional, já que língua e sociedade estão profundamente relacionadas de modo que uma se reflete diretamente na outra. Dito de outra forma, a língua é um fenômeno social e traz consigo características inerentes à sociedade a que serve. Na mesma direção, Isquierdo (2009) ratifica que fatores internos e externos à língua podem influenciar sobre a variação linguística.

Desse modo, se a sociedade é mais *urbana* ou *rural*, mais *conservadora* ou *liberal*, mais *letrada* ou *analfabeta*, assim também será a linguagem dos seus falantes.

Essa visão mais abrangente da variação linguística, associando a diatopia a outras variáveis - diastrática, diassexual, diageracional, diacrônica, diamésica, diafásica, entre outras - introduz um novo modelo no estudo da variação. Essa perspectiva reverbera o que Thun (2000) denomina de nova geolinguística, que fundamenta a chamada Dialetoлогия Pluridimensional, ao ampliar a análise linguística para além da diatopia:

a nova geolinguística se caracteriza pela expansão de seu campo de observação e por um trabalho de maior profundidade. Ela passa da análise da superfície, constituída pela dimensão diatópica àquela do espaço linguístico pela inclusão de variáveis como a dimensão diastrática, diafásica, entre outras (Thun, 2000, p. 408).

Dada a pertinência de demonstrar, por meio de dados paranaenses rurais e urbanos, as mudanças lexicais que se operam ao longo do tempo e no espaço, elegemos para análise um elemento da vida do campo, em especial da pecuária. No presente caso, como já anunciamos, trata-se do artefato de madeira que se coloca no pescoço de suínos, caprinos e ovinos para impedir que pulem cercas e fucem canteiros².

Partimos, então, da perspectiva da Dialetoologia Tradicional diatópica (Coseriu, 1991), seguimos para a Dialetoologia bidimensional: à variável espaço foi acrescentada a variável sexo, como o fizeram Ferreira *et al.* (1987), na elaboração do Atlas Linguístico de Sergipe, e Aguilera (1994), no Atlas Linguístico do Paraná, para chegar à Dialetoologia Pluridimensional (diacrônica, diatópica, diassexual e diageracional).

3. Metodologia

Para a consecução dos objetivos, percorremos os seguintes passos: i) escolha da questão a ser analisada; ii) seleção das fontes geolinguísticas; iii) constituição e descrição das fontes; iv) levantamento das variantes, em planilhas de Excel, com a indicação dos espaços geográficos no estado do Paraná (localidades rurais e urbanas), da distribuição das variáveis sexo em ambas as fontes e faixa etária no ALiB-PR; v) descrição e análise quantitativa e qualitativa dos dados do ALPR e ALiB-PR; e vi) comparação dos dados de ambas as fontes.

Sobre o primeiro passo - a escolha da questão a ser analisada - a motivação se deu pela nossa própria vivência em diferentes fases da vida, em dois ambientes distintos, o rural e o urbano, e a observação das dissemelhanças entre a linguagem em uso em ambos os contextos.

² Os dicionários on-line Aulete (aulete.com.br/cangalha) e Michaelis (michaelis.uol.com.br/palavra/kKny/cangalha/) também registram em verbete homônimo a definição de artefato de madeira ou ferro, ger. acolchoado, que se apõe ao lombo das cavalgaduras para pendurar carga de ambos os lados.

No segundo momento, foi necessário buscar e selecionar as fontes geolinguísticas. Para isso concorreram os estudos sobre a fala paranaense levados a efeito por vários autores como Aguilera (1987, 1994), Altino (2007), Busse (2010), entre outros. Da primeira autora, serviu de fonte o Atlas Linguístico do Paraná, em particular a carta 61. A segunda fonte é representada pelos dados inéditos coletados pela equipe regional do ALiB-PR, mediante as respostas dadas à Questão 54 (Comitê Nacional do ALiB, 2001).

A terceira etapa compreendeu a constituição e a descrição das fontes. O ALPR é resultado da tese de doutoramento de Aguilera, defendida em 1990 e publicada em 1994. O Questionário, composto de 318 perguntas indiretas, contempla dois grandes campos: a Terra e o Homem.

Para este artigo, examinamos 138 dados do ALPR (desse total, 133 representam respostas válidas e cinco não respostas) referentes à Questão 123: “Triângulo que se coloca no pescoço do animal”, do campo Terra e subcampo Fauna: aves, pássaros, animais etc., que indaga sobre o triângulo que se coloca no pescoço do animal (Aguilera, 1994, p. 140).

A segunda fonte constitui-se dos dados inéditos coletados pela equipe do Paraná para o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), atlas de amplitude nacional, lançado em 1996 na Universidade Federal da Bahia e coordenado por um Comitê formado por dialetólogos e sociolinguistas de várias universidades brasileiras, cujos principais objetivos são mapear as variantes linguísticas do Português falado no Brasil e fornecer subsídios para outros estudiosos, como lexicógrafos, historiadores, sociólogos e pedagogos.

A rede de pontos do Paraná para o ALiB constitui-se da capital e de 16 localidades do interior. Os dados, ainda inéditos, (totalizam 70 ocorrências, sendo 42 respostas válidas e 28 não respostas) referentes à Questão 054, foram coletados pela

equipe do ALiB-PR, entre dezembro de 2001 e fevereiro de 2004³. Em cada um dos pontos, foram inquiridos quatro informantes⁴ nascidos e radicados na área urbana, sendo dois homens e duas mulheres, distribuídos por duas faixas etárias: faixa I – de 18 a 30 anos – e faixa II – de 50 a 65 anos - e com escolaridade básica Fundamental.

A Questão 054, cujas respostas são objeto deste estudo, consta do Questionário Semântico Lexical (QSL), do campo de Atividades Agropastoris: “Como se chama a armação de madeira, que se coloca no pescoço dos animais, pode ser um porco, um bezerro, um carneiro para ele não atravessar a cerca?” (Comitê Nacional do ALiB, 2001).

Convém ressaltar que o ALiB traz uma proposta pluridimensional (Thun, 2000), pois, além dos parâmetros diatópico e diassexual, incluiu o diageracional (duas faixas etárias), o diastrático (dois níveis de escolaridade), o diafásico (questionários, leitura, narrativas) e o diarreferencial (questões metalinguísticas).

O quarto passo metodológico consistiu na elaboração de planilhas em Excel, cujos resultados são apresentados por meio de gráficos. Na quinta etapa, procedemos à descrição e análise qualitativa em percentuais e à análise quantitativa de cada uma das fontes, separadamente, e, na sequência, na sexta fase, estabelecemos comparações entre ambas.

4. Descrição e análise dos dados do ALPR

Iniciamos esta seção pela descrição dos dados da Carta 61 do ALPR (Aguilera, 1994), verificando, na fala dos 130 informantes (65 homens e 65 mulheres), as variantes registradas. Na sequência, representamos os dados gerais por meio do gráfico 1 e os

³ Excetuam-se a entrevista da informante 2 de Terra Boa e as dos informantes 1 e 2 de Adrianópolis, feitas em fevereiro de 2009 e janeiro de 2010, respectivamente, devido a problemas técnicos ocorridos nas coletas anteriores.

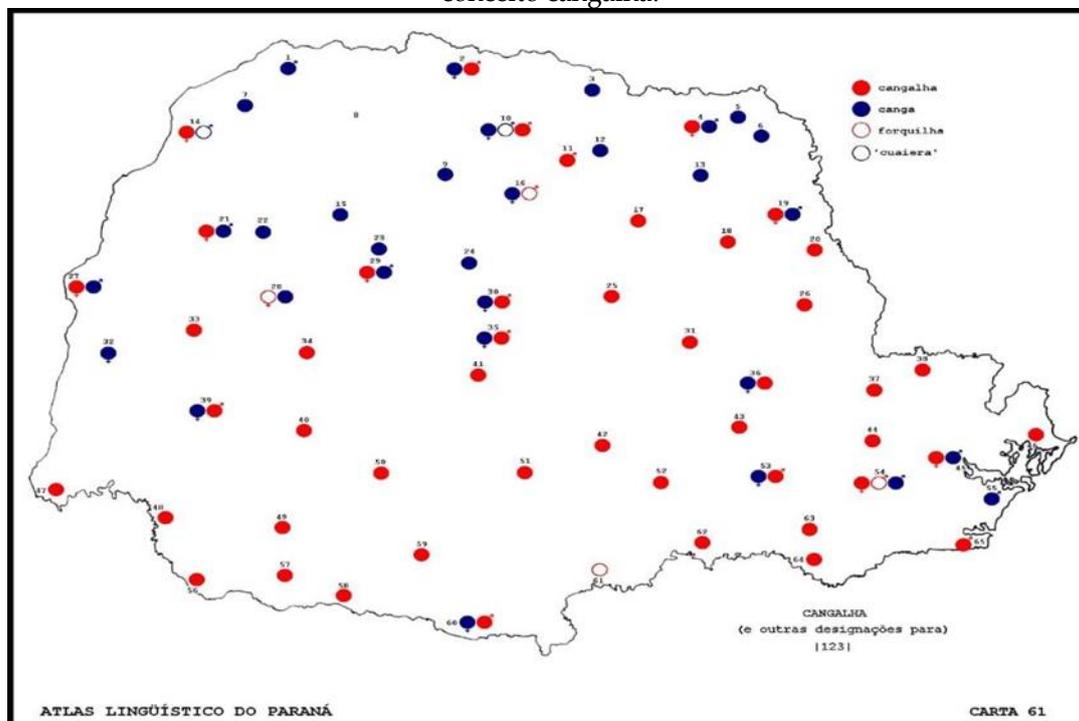
⁴ Nas capitais, além dos informantes do nível fundamental, foram inquiridos mais quatro com escolaridade universitária. No entanto, neste trabalho, analisamos apenas os dados dos informantes que completaram o nível fundamental.

dados por sexo no gráfico 2. Para o cálculo dos percentuais, consideramos o número total de respostas e de não respostas, isto é, todo o universo de dados. Optamos por analisar primeiramente a variável diatópica e depois a variável sexo.

4.1 Panorama dos dados do ALPR

Para visualizar a distribuição dessas variantes, trazemos a Carta 61 (Aguilera, 1994). Por se tratar de atlas bidimensional, a distinção dos registros femininos (♀) e masculinos (♂) (diassexual) se faz por meio dos símbolos da biologia. Nos pontos em que não ocorre a identificação de sexo, significa que a resposta foi dada por ambos os informantes. Trata-se de carta do tipo misto, isto é, as variantes lexicais são representadas na legenda por meio de círculos coloridos preenchidos ou vazios e distribuídos pelos pontos da rede.

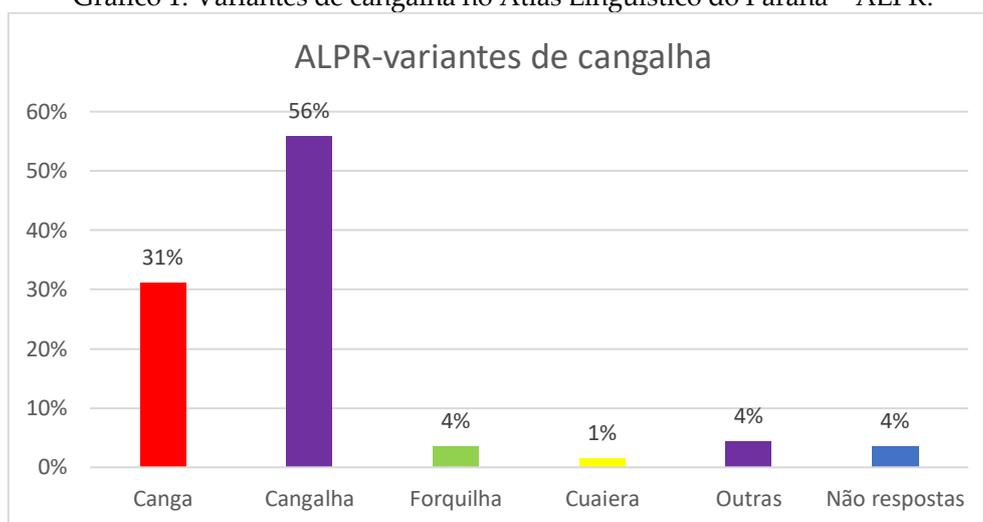
Figura 1: Carta 61 do Atlas Linguístico do Paraná com a distribuição pontual das variantes para o conceito cangalha.



Fonte: Carta 61 do Atlas Linguístico do Paraná (Aguilera, 1994).

Conforme a figura 1, com a distribuição das variantes para o conceito cangalha, foram registradas 138 ocorrências, sendo 133 respostas válidas e cinco de não respostas. A variante mais produtiva foi *cangalha*, com 77 respostas (56%), enquanto *canga* obteve 43 ocorrências (31%). As demais obtiveram valores menos expressivos uma vez que apenas cinco informantes mencionaram *forquilha* (4%); dois informantes registraram *cuaiera* (1%). Não foram mapeadas seis respostas, mas constam das notas que precedem a carta: *varal*, *gancho*, *trava*, *cabresto*, *jangada* e *focinheira*, com uma ocorrência de cada variante, agrupadas sob o rótulo *outras* para efeito de análise, totalizando 4% dos dados. Cinco informantes (4%) não conheciam ou não se lembravam do nome dessa peça. Para melhor visualização, elaboramos o Gráfico 1, com os dados em percentuais.

Gráfico 1: Variantes de cangalha no Atlas Linguístico do Paraná – ALPR.



Fonte: Elaborado pelos autores com os dados do ALPR (Aguilera, 1994).

Em síntese, observando o Gráfico 1, os dados rurais da década de 1990 revelam a prevalência das variantes *cangalha* (56%) e *canga* (31%) com números expressivos no ALPR: 77 e 43 respostas, respectivamente. Por se tratar de um atlas rural, o número de não respostas foi reduzido, visto que a grande maioria demonstrou reconhecer o referente e sua denominação.

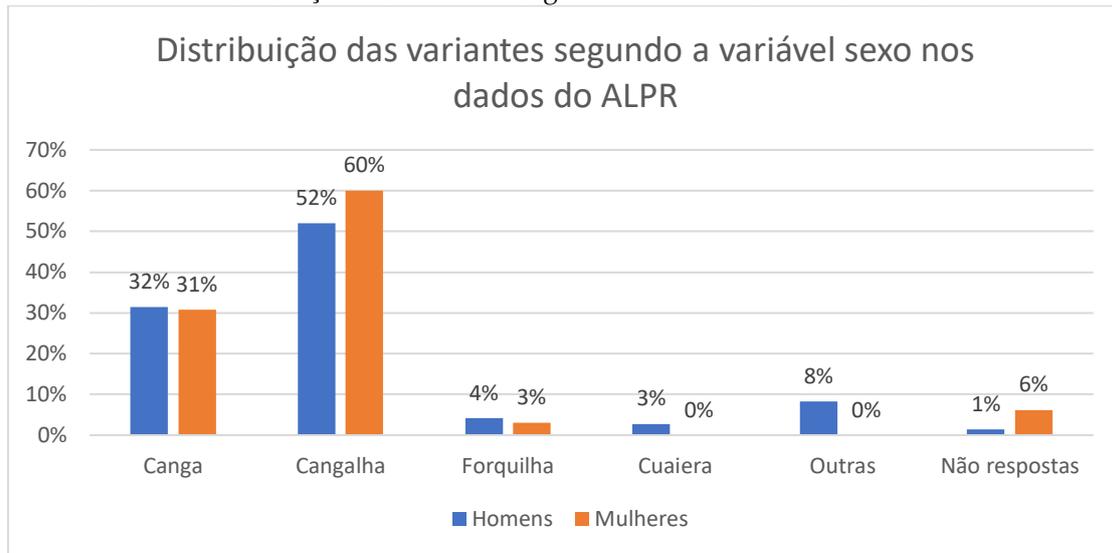
Do ponto de vista diatópico, conforme observamos na Carta lexical 61 do ALPR (Fig. 1), *cangalha* foi registrada em quase todo o território paranaense com distribuição mais densa pelo espaço denominado por Cardoso e Westphalen (1986) de Paraná Tradicional, representado pelas localidades mais antigas do Paraná dispostas no sentido litoral > centro > nordeste paranaenses, rarefazendo-se na área do Paraná Moderno, onde é mais frequente a variante *canga*.

Sobre essa divisão, adotamos o que estabelecem Cardoso e Westphalen (1986). Para os autores, a História do Paraná compreende a formação de três comunidades regionais: *Paraná tradicional*, que se esboçou no século XVII com a busca de ouro, estruturou-se no século XVIII com a criação e comércio do gado e se completou no século XIX, com extração e comércio de erva-mate e da madeira; e *Paraná moderno*, compreendendo a ocupação do Norte com o desenvolvimento da cultura do café no início do século XX, ligada a São Paulo; e a *do Sudoeste e Oeste* com a criação de suínos e plantadores de cereais, ligada ao Rio Grande do Sul.

4.2. Dados da variável sexo no ALPR

Por se tratar de um atlas bidimensional (variáveis diatópica x sexo), o ALPR, composto de 65 pontos distribuídos pelo estado, entrevistou 130 informantes (65 homens e 65 mulheres), de maneira que em cada localidade fossem investigados um homem e uma mulher. Das 138 ocorrências, 133 foram de respostas válidas e cinco de não respostas.

Gráfico 2: Distribuição das variantes segundo a variável sexo nos dados do ALPR.



Fonte: Elaborado pelos autores com os dados do ALPR.

O Gráfico 2, relativamente à *variável sexo*, mostra que *cangalha* se distribui de forma, praticamente, equitativa entre os homens e as mulheres: 38 respostas para *cangalha* na fala masculina (52%) e 39 na feminina (60%). Algo similar ocorre quanto à *canga*, pois, das 43 respostas, 23 estão na fala masculina (32%) e 20 na feminina (31%).

Quanto à *forquilha*, embora a carta apresente um número reduzido de ocorrências para essa forma, que é de apenas cinco, essa variante foi elicitada por três homens (4%) e duas mulheres (3%), logo, ligeiramente mais comum no universo masculino, possivelmente pela maior familiaridade masculina com a lida dos animais do campo. Essa hipótese se aplica também a *cuaiera*, que aparece apenas na fala masculina com duas respostas (3%). Outras variantes obtiveram seis respostas (8%) e só foram registradas entre os homens. As *não respostas* (cinco no total) foram mais incidentes na fala feminina, com quatro ocorrências (6%) e menos na masculina, com apenas uma menção (1%).

A importância da variável sexo pode ser observada nos casos das quatro não respostas: três mulheres afirmaram desconhecer o objeto enquanto apenas um homem não soube nomeá-lo. Podemos atribuir esses resultados ao motivo já mencionado: cabia à mulher o cuidado com a casa, com os filhos e com as aves no entorno da

residência, ficando para o homem a responsabilidade pela terra e pelos animais de maior porte: ovinos, caprinos, equinos e bovinos.

Quanto à influência da variável sexo sobre a mudança linguística, sociolinguistas como Silva-Corvalán (1989) e Paiva (2004) verificaram, em diversos estudos baseados nessa variável, que ora as mulheres empregam mais as formas padrão e as de maior prestígio do que os homens (Labov 2008 [1972]); ora o sexo é pouco atuante no caso da mudança linguística; ora as mulheres rompem a norma mais do que os homens.

5. Um retrato da variação lexical para *cangalha* nos dados inéditos do Projeto ALiB no PR

A equipe do Atlas Linguístico do Brasil - Regional PR investigou 68 informantes (34 homens e 34 mulheres) distribuídos pelas 17 localidades da rede de pontos paranaense, computando 70 respostas⁵ para análise, incluindo os quatro de nível fundamental da capital. Para o cálculo dos percentuais, consideramos o número total de respostas e de não respostas, isto é, todo o universo de dados.

Conforme já salientado, trata-se de um atlas pluridimensional, uma vez que, além da variável diatópica, são também analisadas as variáveis sexo (masculino x feminino) e faixa etária (Faixa I: 18 a 30 anos) e (Faixa II: 50 a 65 anos). Iniciamos com uma análise panorâmica do ALiB-PR, interpretando os dados apresentados e, na sequência, discutimos os dados referentes às variáveis sociais.

Por questões metodológicas e didáticas, optamos por descrever separadamente as variáveis sociais para obter uma melhor interpretação dos dados, inclusive com a elaboração de cartas lexicais. Desse modo, primeiramente, procedemos à análise da *variável sexo*, e, na sequência, tratamos dos resultados da *variável faixa etária*.

⁵ Dois informantes deram mais de uma resposta.

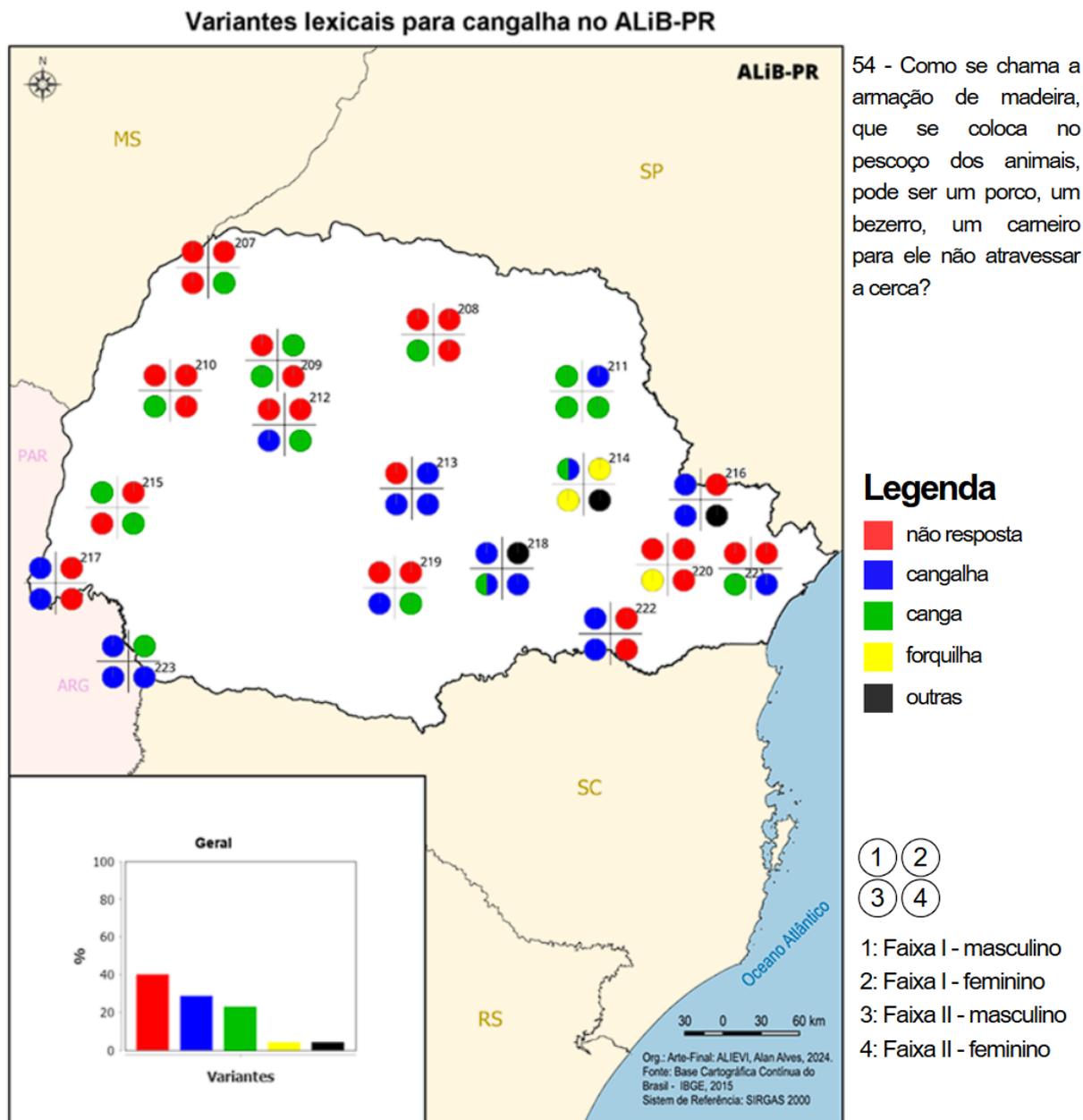
5.1. Um panorama dos dados para cangalha no ALiB-PR

Para demonstrar a influência das variáveis em questão (espaço rural e urbano, sexo e faixa etária⁶), elaboramos a carta experimental exposta na Figura 2, atendendo à seguinte configuração sobre a variável sexo: os informantes 1 e 3 representam o sexo masculino; os informantes 2 e 4, o sexo feminino.

Quanto à variável faixa-etária, convencionamos dispor os informantes mais jovens (1 e 2 faixa I – de 18 a 30 anos) na parte superior do respectivo ponto e os informantes mais velhos (3 e 4 faixa II – de 50 a 65 anos) na parte inferior.

⁶ A variável faixa etária foi incluída apenas na coleta do ALiB.

Figura 2: Carta experimental da distribuição pluridimensional das variantes registradas pelo ALiB-PR segundo as variáveis sexo e faixa etária.



Fonte: Elaborada pelos autores com dados inéditos do Projeto ALiB-PR.

Conforme explicitamos na Carta pluridimensional (Figura 2), a ausência de respostas para o ALiB-PR é bastante significativa, não ocorrendo apenas nos pontos 211- Tomasina, 214-Piraí do Sul, 218- Imbituva e 223- Barracão. Esse fato pode estar vinculado a fatores históricos relacionados à criação e povoamento desses municípios: Piraí do Sul teve início em princípios do século XVII a partir de um pouso de tropeiros

localizado no bairro da Lança, ao longo do Caminho do Viamão-RS. Imbituva, por sua vez, surgiu em 1871, a partir do arraial Cupim que servia de “pouso” para tropeiros e marchantes.

Essa história comum de ambos os pontos pode justificar a presença de respostas em todos os falantes investigados dado o histórico de maior contato com a atividade pastoril. Barracão, por sua vez, apesar de ter sido fundada em meados do século XX, originou-se de uma hospedagem que abrigava tropeiros de erva-mate e viajantes, no início daquele século. Sobre Tomasina, consta que se originou de terras doadas pelo sertanista Joaquim Thomaz Pereira da Silva, procedente de Minas Gerais em 1867, que viera ao Paraná atraído pelas terras férteis próprias para o cultivo de café.

Quanto à distribuição diatópica das formas válidas, as variantes *cangalha* e *canga* foram registradas na maioria dos pontos do ALiB-PR. *Cangalha* distribui-se, preferencialmente, pelos pontos localizados no espaço do Paraná Tradicional: 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222 e 223, com ocorrências em apenas três pontos do Paraná Moderno: 211- Tomazina, 212-Campo Mourão e 213-Cândido de Abreu. *Canga* é mais frequente na região do Paraná Moderno: pontos 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213 e 215, embora também tenha sido registrada em pontos do Paraná Tradicional: 214, 218, 219, 221 e 223). As três ocorrências de *forquilha* estão em dois pontos do Paraná Tradicional 214- Piraí do Sul e 220- Curitiba.

De acordo com os dados coletados, podemos observar que grande parte dos informantes, totalizando 28, não soube responder à pergunta sobre a armação de madeira em forma de triângulo (40%). Pode-se justificar a significativa ausência de respostas pelo fato de se tratar de atlas que privilegia a linguagem urbana, ao contrário do ALPR que investigou a fala rural. Os informantes, em sua maioria, exercem funções ligadas à vida na cidade, como chapeiro, dona de casa, pedreiro, taxista, costureira etc., por isso desconhecem o nome do referido artefato utilizado para conter o rompimento da cerca pelos quadrúpedes de menor porte.

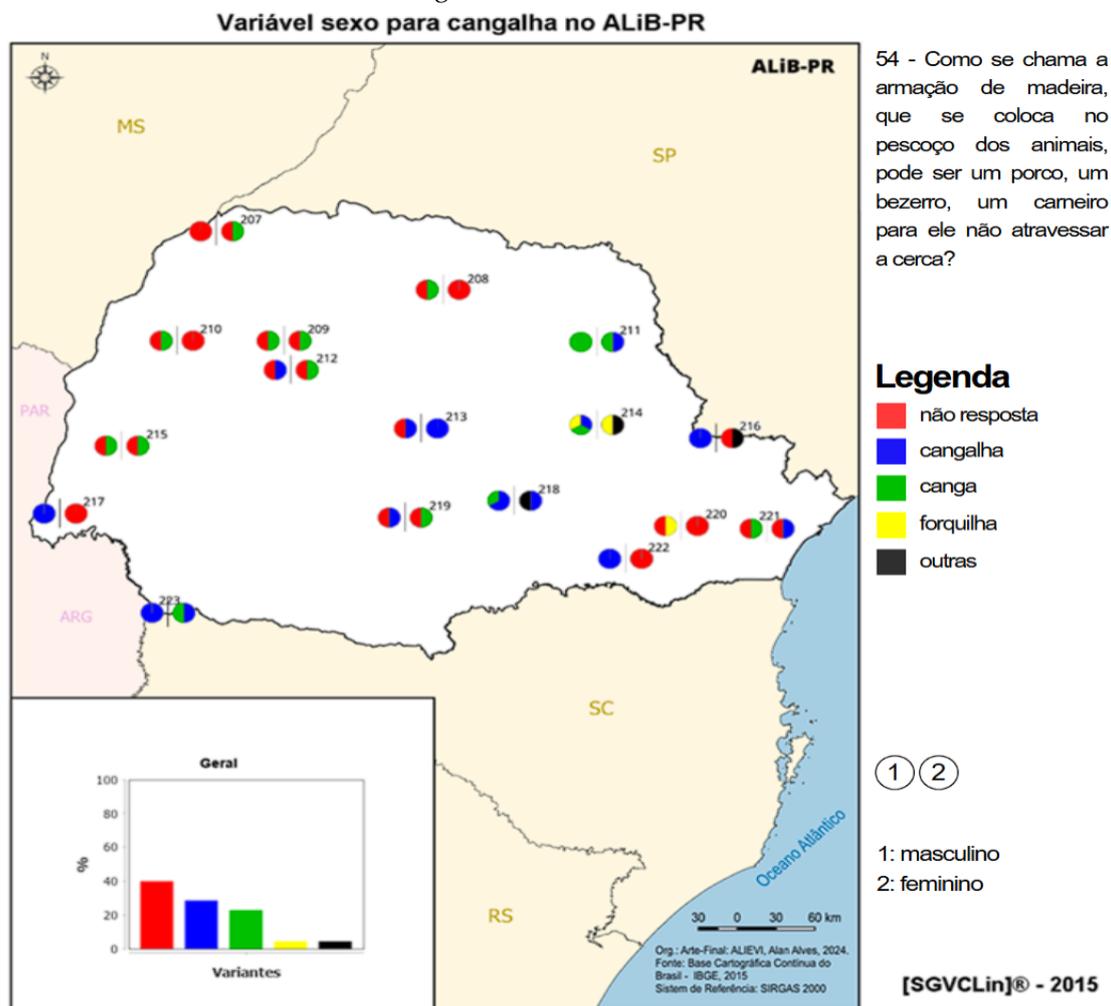
Das 70 ocorrências, 42 foram de respostas válidas, enquanto 28 de não respostas. Dentre as respostas válidas registradas pelo ALiB-PR, a variante mais produtiva é *cangalha*, com 20 ocorrências (29%), seguida de *canga*, com 16 ocorrências (23%) e *forquilha*, com três ocorrências (4%). Embora os índices de *cangalha* e de *canga* não se distanciem muito, podemos considerá-los significativos, sabendo-se que o *corpus* válido conta com apenas 39 registros em relação aos 68 esperados. Sob o rótulo *outras* (4%), agrupamos as ocorrências únicas: *quadro*, *pescoceira* e *cabresto*.

A análise dos dados demonstrou que o número de não respostas foi bastante expressivo (40%), fato esse que pode indicar o peso da mudança do eixo rural-urbano na eliciação das respostas, dado que nas cidades os informantes normalmente não têm vínculo com a terra e, conseqüentemente, desconhecem os instrumentos relacionados às atividades rurícolas.

5.2. Uma descrição dos dados segundo a variável sexo no ALiB-PR

Para melhor compreender a importância da *variável sexo* na eliciação das denominações do referente em pauta, no ALiB-PR, elaboramos a Carta bidimensional, representada na Figura 3, com as variantes para *cangalha*, distribuídas pelo território paranaense. Vale ressaltar que se trata de carta mista, pois vem com a descrição espacial das lexias, que são representadas por círculos preenchidos (coloridos) na legenda. Na carta, o número 1 (à esquerda) representa os informantes do sexo masculino; o número 2 (à direita), os do sexo feminino.

Figura 3: Carta experimental da distribuição bidimensional das variantes registradas pelo ALiB-PR segundo a variável sexo.



Fonte: elaborada pelo autor com dados inéditos do Projeto ALiB-PR.

De acordo com o levantamento dos dados do ALiB-PR para *cangalha*, do número total de ocorrências (70), obtivemos 42 respostas válidas (60%) – 25 na fala masculina e 17 na fala feminina - e 28 de não respostas (40%) – 11 na fala dos homens e 17 na fala das mulheres.

Do total de 25 respostas válidas para o sexo masculino, *cangalha* foi a mais produtiva, com 14 ocorrências (39%); *canga*, com nove respostas (25%) e *forquilha*, com duas ocorrências (6%).

Da totalidade de 17 respostas válidas para o sexo feminino, *canga* prevaleceu, com sete ocorrências (21%); *cangalha*, com seis (18%); *forquilha* mencionada apenas uma

vez (3%); *outras variantes (pescoceira, quadro e cabresto)*, com apenas três ocorrências no somatório, foram registradas somente na fala feminina (9%).

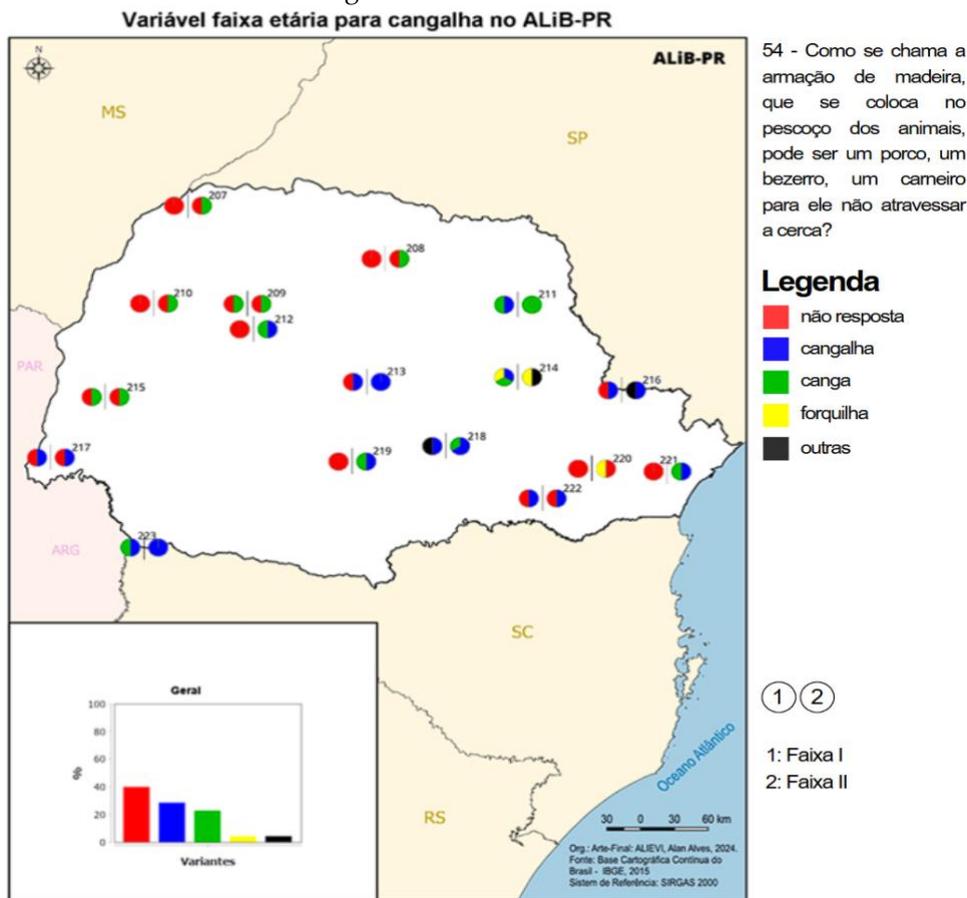
Em síntese, a ausência de respostas nos dados do ALiB-PR foi bastante significativa, principalmente na fala feminina. Dos 64 informantes, obtivemos 70 itens para análise, sendo 42 de respostas (60%) e 28 de não respostas (40%). Desse total de 28 ausências de resposta, 11 estão na fala masculina (39%) e 17 na feminina (61%), apontando para o maior distanciamento da mulher da vida no campo, em relação ao homem. Vale lembrar que o desconhecimento do nome e do objeto pelo homem urbano é bastante expressivo.

Além disso, verificamos também que, diante do desconhecimento do nome e/ou do objeto, as mulheres são mais criativas, inovam estendendo o significado de um referente para outro (*pescoceira, quadro e cabresto*). Os dados ratificam a observação de Silva-Corvalán (1989, p. 69) ao afirmar que “é bem sabido que, em igualdade de condições, a fala feminina é diferente da fala masculina”.

5.3. Descrição dos dados segundo a variável geracional no ALiB-PR

A variável geracional tem por finalidade descrever as diferenças linguísticas entre dois grupos com idades distintas: informantes mais jovens (Faixa I- 18 a 30 anos); informantes mais velhos (Faixa II- 50 a 65 anos). Para melhor compreender as ocorrências para a *variável faixa etária* no ALiB-PR, elaboramos a carta bidimensional, representada na Figura 4, com as variantes para *cangalha*, distribuídas pelo território paranaense.

Figura 4: Carta experimental da distribuição bidimensional das variantes registradas pelo ALiB-PR segundo a variável faixa etária.



Fonte: elaborada pelo autor com dados inéditos do Projeto ALiB-PR.

A Figura 4 mostra que as *não respostas* ocorrem majoritariamente na fala dos mais jovens, pertencentes à Faixa I. Dos 34 entrevistados, com idade entre 18 e 30 anos, foram extraídas 35 ocorrências. Desse total, 20 deles (57%) declararam não conhecer ou não saber o nome do artefato usado para o animal não atravessar a cerca. Dentre as respostas válidas na Faixa I, a mais produtiva foi *cangalha*, com oito ocorrências (23%); *canga*, com cinco respostas (14%); *forquilha* e *outras* (*cabresto*) com apenas um registro (3%) cada uma.

Em relação à Faixa 2 com 35 ocorrências, o número de *não respostas* foi bem menor, com apenas oito ausências (23%). A variante mais frequente *cangalha*, com 12 respostas (34%); seguida de *canga*, com 11 registros (31%); *forquilha* e *outras*, com apenas dois registros cada uma, representam 6% para cada lexia.

Sobre a variável faixa etária ou geracional, constatamos que o maior número de *não respostas* ocorreu entre os informantes da Faixa I, com 20 ausências (57%); já na Faixa II, apenas oito entrevistados não souberam o nome do triângulo que se coloca no pescoço de animais para não atravessar a cerca (23%). Constatamos também o predomínio das variantes *cangalha* e *canga* em ambos os intervalos de idade, mas com certa equivalência numérica entre os entrevistados mais velhos (34%) e (31%), respectivamente.

Os dados apontam para a influência da variável faixa etária em dois aspectos: i) os informantes da Faixa II podem ter guardado na memória as situações rurais vivenciadas ou transmitidas pelos ancestrais; ii) os falantes da Faixa I não têm na memória passiva o referente ou o signo linguístico que o identifica.

6. Análise comparativa entre os dados do ALPR e os do ALiB-PR

Quanto à diacronia, é importante ressaltar que os dados do ALPR foram coletados entre 1987 e 1990 e os do ALiB-PR, majoritariamente, entre 2001 e 2004. Esse lapso temporal, embora curto, menos de duas décadas, foi objeto de investigação para saber se houve alteração, manutenção ou apagamento a respeito das variantes para *cangalha* em ambas as fontes.

Diante dos resultados obtidos, podemos observar que, no ALPR, o índice de não respostas foi pouco expressivo (4%). Os dados demonstram que, do ponto de vista diatópico, os informantes do ALPR, em sua maioria, por viverem da terra (agricultores, lavradores, pecuaristas), souberam nomear o referido objeto. Todavia, os do ALiB, por serem de origem urbana e não terem vínculo direto com a terra (chapeiro, dona de casa, pedreiro, taxista, costureira etc.), demonstraram desconhecer tanto o referente quanto suas designações (40%). Desse modo, é viável creditar à variável diatópica (rural X urbano) essa variação que parece tender para a mudança, conforme demonstra o Quadro 1.

Quadro 1: Percentual das variantes oriundas das duas fontes: ALPR e ALiB-PR.

Fonte/Variante	cangalha	canga	forquilha	cuaiera	outras	NR
ALPR (rural)	56%	31%	4%	1%	4%	4%
ALiB-PR (urbano)	29%	23%	4%	0%	4%	40%

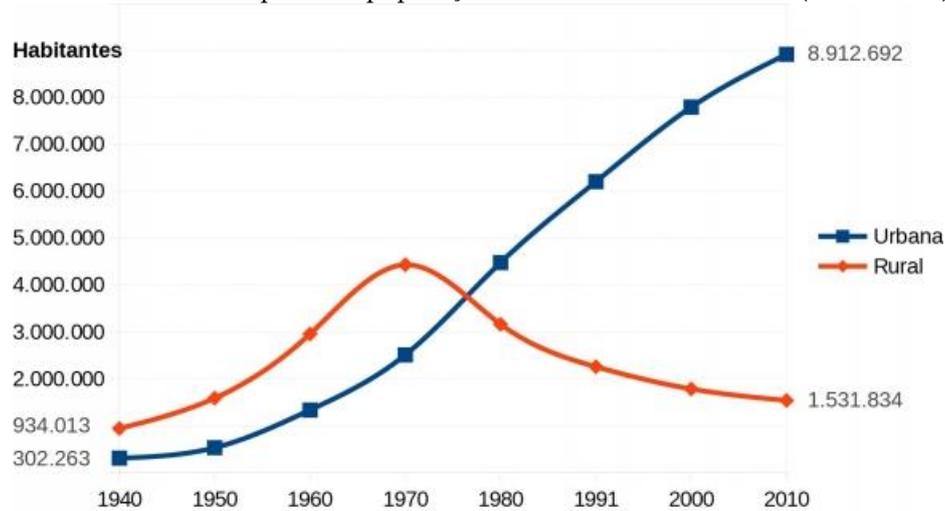
Fonte: Elaborado pelos autores com os dados do ALPR e do ALiB-PR.

O quadro 1 mostra que no ALPR destaca-se como mais produtiva a variante *cangalha*, representando 56% das ocorrências; seguida de *canga* com 31%. As demais obtiveram resultados insignificantes: *forquilha* com 4%, *cuaiera* com 2% e *outras* com 4%, respectivamente. No ALiB-PR, *cangalha* obteve 29% das respostas, sendo a mais elicitada; seguida por *canga* com 23%; *forquilha* e *outras* obtiveram apenas 4% cada uma; *cuaiera* não foi mencionada por nenhum informante.

De acordo com o Quadro 1, observamos que a variável tempo é um fator preponderante para as mudanças havidas, uma vez que se observa: decréscimo de registros de *cangalha* 56% para 29%; diminuição de ocorrências de *canga* 31% para 23%; estabilização de casos de *forquilha* a 4%; e manutenção no grupo *outras* em 4%. No entanto, o que parece exercer maior influência é a relação rural X urbano entre ambos os estudos paranaenses.

Para Monteiro (2016, p. 34), até a década de 1970, o Paraná era um estado predominantemente rural; mas, a partir desse marco temporal, sua população entra em declínio, dando ensejo a um ciclo de urbanização ascendente. O Gráfico 3 ajuda a compreender melhor essa dinâmica populacional.

Gráfico 3: Recorte temporal da população rural x urbana no Paraná (1940 a 2010).



Fonte: IBGE – Censos 1940-2010; Edição: Monteiro, 2016.

O Gráfico 3 permite acompanhar a queda da população rural e o aumento gradual da população urbana no período que compreende a coleta dos dados do ALPR (atlas de natureza rural, 1987 a 1990) e do ALiB-PR (atlas de natureza urbana, 2000 a 2004). Os dados demonstram que o índice de ruralidade decresce significativamente na década de 1980 e menos no início dos anos 2000.

O decréscimo da população rural e o crescimento da população urbana nas décadas de 1980 a 2010, motivados pelo fluxo migratório do campo para a cidade, certamente trouxeram consequências para o léxico, haja vista a mudança expressiva na cultura, nos hábitos e na ocupação dos indivíduos. Os reflexos desse êxodo rural foram documentados pela geolinguística paranaense e permitem acompanhar a variação linguística, registrando a redução do número e frequência das variantes agropastoris *cangalha* e *canga* e o aumento do número de *não respostas* nos dados do ALiB-PR.

6.1. Um retrato dos resultados da diacronia e da diatopia envolvendo ambas as fontes

Ao comparar os resultados de ambas as fontes, chegamos à conclusão de que o fator tempo (ALPR, 1987 a 1990 x ALiB-PR, 2001 a 2004) e o deslocamento do eixo rural

(ALPR) para o urbano (ALiB-PR) foram determinantes na elicitación das respostas, devido ao alto índice de não respostas no meio urbano (40%), tendo em vista o distanciamento cronológico e espacial de seus informantes para com as atividades agropastoris, refletindo conseqüentemente no decréscimo proporcional das variantes *cangalha* e *canga* na fala dos habitantes das cidades. Por outro lado, notamos que as não respostas foram pouco incidentes no meio rural (3%), fato esse que se justifica em razão da proximidade dos informantes com a lida no campo, o que se traduz na manutenção do acervo lexical de seus falantes no tempo e no espaço. Ressaltamos também a manutenção de *forquilha* e *outras* em ambas as fontes e o apagamento progressivo de *cuaiera*.

7. Considerações finais

Neste trabalho, examinamos o *corpus* de duas fontes geolinguísticas paranaenses sob a ótica da variação diatópica, diacrônica, diassexual e diageracional.

Em relação à variável diatópica, rural x urbano, a comparação dos dados do ALPR com os do ALiB-PR trouxe resultados bastante significativos, com ênfase na ausência de respostas. No ALPR, atlas de natureza rural, dada a imersão dos informantes na vida do campo, o percentual de não respostas foi bem baixo (4%), diferentemente, do que ocorre no ALiB-PR em que esse número assume um valor bem expressivo (40%), confirmando nossa hipótese de que, nos centros urbanos, o desconhecimento das variantes agropastoris fosse alto.

Em relação à variável diacronia, os dados revelaram que, passada mais de uma década entre a coleta de dados do ALPR (1987 a 1990) e a do ALiB-PR (2001 a 2004), a ausência de respostas para o objeto em questão (*cangalha*, *canga*, *forquilha* e *cuaiera*) foi bastante significativa nos dados do ALiB-PR. No entanto, não podemos deixar de associar a influência temporal à diatópica, que nos parece mais relevante e que aponta para mudanças em progresso. Basta lembrar que, de acordo com o IBGE, em 2022, a

população urbana do Paraná era de 10.179.847 habitantes⁷, o que corresponde a 89% da população total do estado. Já a população rural era de 1.264.533 habitantes, o que corresponde a 11% da população total. Portanto, a maior concentração da população paranaense na zona urbana, distante dos hábitos e da cultura do campo, trouxe como consequência o alto índice de *não respostas* na fala dos informantes do ALiB-PR.

A respeito da variável *sexo*, chegamos a resultados distintos entre os dados das duas fontes. No ALPR, dada a sua natureza rural, as respostas foram bem próximas entre homens e mulheres, sendo *cangalha* e *canga* as mais profícuas respectivamente para ambos os sexos. Todavia, no ALiB-PR, as respostas divergiram entre os informantes masculinos e os femininos, sendo *cangalha* a mais produtiva entre eles e *canga* entre elas, apesar da exígua diferença nesta última.

A influência da variável *faixa etária* revelou um alto grau de não respostas na Faixa I (18 a 30 anos – mais jovens), o que aponta para o esquecimento, por parte desses informantes, do referente ou do signo linguístico que o designa; diferentemente da Faixa II (50 a 65 anos – mais velhos), em que as variantes pesquisadas se mantêm preservadas com valores expressivos, principalmente em *cangalha* e *canga*.

Ao longo deste artigo, foi possível documentar que as palavras carregam consigo mais que significados, porque espelham vivências, costumes e tradições de uma comunidade de falantes, retratando a sua identidade linguística, social e cultural. Como o idioma é indissociável da sociedade a que serve, as transformações pelas quais ela passa refletem diretamente no léxico de uma dada comunidade linguística.

Registrar essas mudanças e, ao mesmo tempo preservar outras quase em desuso, é dar voz aos sujeitos que as usam, muitas vezes silenciados e estigmatizados, em um país onde o preconceito linguístico ainda persiste. Portanto, o legado deste

⁷ Informações obtidas no Banco de Dados Agregados do IBGE, disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 13 de fev. de 2025.

estudo não se limita ao campo lexical, mas alcança outras manifestações sociais e culturais aqui representadas.

Esperamos, portanto, com este trabalho, auxiliar estudantes, professores e dialetólogos no desenvolvimento de pesquisas semelhantes sob o viés da Dialetologia bidimensional e pluridimensional e também contribuir para os estudos do Projeto ALiB e do ALPR com os resultados aqui apresentados.

Referências

- AGUILERA, V. A. **Aspectos lingüísticos da fala londrinense**: esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina – EALLO. 1987. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis. 2.v.
- AGUILERA, V. A. **Atlas lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALTINO, F. C. **Atlas Lingüístico do Paraná – II**. 2007. 223p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2 v.
- BUSSE, S. **Um estudo geossociolinguístico da fala do oeste do Paraná**. 2010. 284 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- CARDOSO J. A.; WESTPHALEN, C. M. **Atlas Histórico do Paraná**. Curitiba: Editora Livraria do Chain, 1986.
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory**. Oxford: Blackwell, 1995.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil: Questionário 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.
- COSERIU, E. La geografia lingüística. *In*: COSERIU, E. **El hombre y su lenguaje**. 2. Ed. Madrid: Gredos, 1991, p. 103-158.
- FERREIRA, C. *et al.* **Atlas lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA; FUNDESC, 1987.

ISQUERDO, A. N. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras... *In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (orgs.). **Dos sons às palavras**: nas trilhas da língua portuguesa. Salvador: Edufba, 2009. p. 41-59.*

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]. 2. Ed. Madrid: Gredos, 1991.

MONTEIRO, R. R. A cartografia do fenômeno urbano e econômico no Paraná: uma leitura com auxílio da semiótica. *Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, n. 27, 2016.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. *In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.*

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

THUN, H. Introduction à la table ronde. CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOGIE ROMANES, 22, 1998, Bruxelles. **Actes...** Tübingen: Niemeyer, 2000, p. 407-409.

TRUDGILL, P; CAMPOY, J. M. H. **Diccionario de sociolingüística**. Madrid: Gredos, 2007.

Artigo recebido em: 18.02.2025

Artigo aprovado em: 19.04.2025